

João Calvino

David Martyn Lloyd-Jones

Nada é mais significativo, quanto à grande mudança que se deu no campo da teologia durante o século passado, do que o lugar agora cedido e a atenção dada ao grande homem de Genebra, que é o assunto desta palestra.¹

Até há quase vinte anos, dava-se pouca atenção a João Calvino, e quando alguém falava dele era para amontoar insultos sobre ele, com desprezo. Ele era visto como uma pessoa cruel, dominadora e dura. Quanto à sua obra, dizia-se que ele foi o autor do sistema teológico mais opressivo e ferrenho que já se viu. Segundo essa crença, os principais efeitos da obra que ele realizou no campo da religião foram colocar e manter as pessoas num estado de escravidão espiritual e, numa esfera mais ampla, abrir o caminho para o capitalismo. Acreditava-se, pois, que a sua influência foi totalmente nociva e que ele não era de nenhum interesse palpável para o mundo, exceto o fato de ser um espécime, se não um monstro, no museu da teologia e da religião.

Não é essa a situação hoje, porém. De fato, faz-se mais menção dele agora do que em quase um século, e Calvino e o calvinismo são temas de muito argumento e debate nos círculos teológicos. Talvez seja o avivamento teológico ligado ao nome de Karl Barth que explica isto, se a gente vê as coisas externamente. Mas também é preciso explicar Barth e a sua posição. Que foi que o levou de volta a Calvino? A sua própria resposta é que ele não pôde encontrar em nenhum outro lugar uma explicação satisfatória da vida, especialmente dos problemas do século vinte, nem tampouco uma âncora para a sua alma e para a sua fé em meio ao fragor da tormenta. Seja qual for a explicação, o fato é que se formaram sociedades calvinistas neste país, nos Estados Unidos e Canadá, na Austrália, na Nova Zelândia e na África do Sul, à parte das que se formaram noutros países da Europa antes da guerra. De fato, foi realizado um Congresso Calvinista Internacional em Edimburgo em 1938, e duas conferências similares foram levadas a efeito na América durante a guerra. Também são publicados regularmente periódicos para discussão de tópicos e problemas do ponto de vista do ensino de Calvino; e este ano o livro-texto que está sendo usado nas aulas teológicas do New College, Edimburgo, é a *Instituição da Religião Cristã* (as "Institutas"), de João Calvino. Muito me agradaria se eu pudesse acrescentar que houve um movimento similar em Gales.

Portanto, o tempo está maduro para olharmos de relance este homem que influenciou a vida do mundo em tão grande medida.

¹ Palestra radiofônica para a BBC, em Gales, em 25 de junho de 1944.

Que dizer do homem propriamente dito? Ele nasceu em Noyon, na Picardia, em 1509. Sabemos muito pouco do seu pai e da sua mãe, exceto que a sua mãe era famosa por sua vida piedosa. Desde o princípio Calvino mostrou que tinha capacidades mentais fora do comum. Os seus pais eram católicos romanos, e a sua intenção natural era preparar o seu inteligente filho para uma carreira eminente na igreja. Daí, os seus campos de estudo eram filosofia, teologia, direito e literatura. Embora sobressaísse em todas as áreas, a sua esfera favorita era a literatura, e o vemos em Paris, aos vinte e dois anos de idade, como erudito humanista, sendo a sua maior ambição na vida ter renome como escritor. Era um aluno tão extraordinário que muitas vezes fez preleções aos seus colegas de estudos substituindo os seus professores, e quanto ao seu estilo de vida e à sua conduta, ele era conhecido por sua sobriedade. Na verdade, ele dava ênfase à distinção moral com tanta veemência que recebeu o apelido de “O Caso Acusativo”. Mas, como acontecera com Lutero antes dele, e com João Wesley e muitos outros depois, a moralidade não foi suficiente para mitigar sua alma sedenta. Quando estava com vinte e três anos de idade, experimentou a conversão evangélica, e o curso da sua vida se transformou completamente. Tendo enxergado a verdade, e tendo experimentado o poder desta em sua alma, deu as costas à igreja de Roma e se tornou protestante. Não dispomos de tempo para seguir a história da sua vida, porém sabemos que ele passou quase todo o resto da sua vida em Genebra, como ministro do evangelho. Trabalhou ali desde 1536 até a sua morte, em 1564, com exceção do período de 1538 a 1541, quando as autoridades genebrinas o expulsaram, e ele foi para o “exílio”, em Estrasburgo.

Calvino era magro, de estatura mediana, testa larga e olhos penetrantes. Sua saúde foi muito frágil durante a sua vida toda, porque ele sofria de asma. Era extremamente difícil persuadi-lo a comer e a dormir. Apesar de ter um espírito senhoril, o testemunho dos que o conheceram melhor sugere que nunca houve um homem tão humilde e santo como ele. Seu principal objetivo na vida era glorificar a Deus, e ele se dedicou a isso completamente, sem pena do seu corpo nem dos seus recursos. Ele gostava de pensar em si mesmo como escritor cristão e, se tivesse seguido a sua inclinação pessoal, teria limitado a sua obra unicamente a esse campo; entretanto um amigo o ameaçou com o juízo de Deus, se não se comprometesse a pregar, e o resultado foi que, segundo a principal autoridade sobre a sua vida, ele pregou em média todos os dias e, com frequência, duas vezes num dia, em Genebra, durante vinte e cinco anos. Devido à asma, ele falava lentamente, e não se poderia descrevê-lo como orador eloqüente. Tampouco se pode pensar nele como um pregador que só apelasse para a mente e para o intelecto. Uma certa ternura piedosa muitas vezes irrompia nas reuniões, subjugando os presentes.

O mundo lembra-se dele, não tanto como pregador, mas como autor de cinquenta e nove obras volumosas. Ele escreveu trinta comentários dos livros da Bíblia, incluindo-se todo o Novo Testamento, menos a Segunda e a Terceira Epístolas de João e o livro de Apocalipse.

Além disso, Calvino era um constante missivista e, das suas cartas, 4000 foram publicadas. Também teve infindáveis oportunidades, numa época amante de polêmicas, de fazer uso da sua incomparável habilidade como polemista. Ninguém se lhe igualava no uso do “florete”, e quando a isso se acrescenta o seu talento especial para a lógica, vemos nele, possivelmente, o maior “polemista” que o mundo já viu.

Quando recordamos que ele estava perpetuamente envolvido em contendas ou em consultas com as autoridades de Genebra, concernentes às condições morais e sociais da cidade, não nos surpreende que tenha morrido com apenas cinquenta e cinco anos de idade. O mistério é como ele conseguiu realizar tanto em tão pouco tempo. Ninguém sabe onde ele foi sepultado, porém a sua maior contribuição para a literatura teológica, a *Instituição da Religião Cristã* (as “Institutas”), sobressai como um memorial para ele. Ele escreveu essa obra quando tinha vinte e cinco anos de idade, e a primeira publicação dela foi na Basileia, em 1536, todavia Calvino continuou trabalhando nela, ampliando-a e reeditando-a durante a sua vida toda.

É sem dúvida a sua obra prima. A verdade é que se pode dizer que nenhum outro livro teve tanta influência sobre o homem e sobre a história da civilização. Não é tampouco exagero dizer que foram as “Institutas” que salvaram a Reforma Protestante, pois elas constituem a *summa theologica* do protestantismo, e a mais clara declaração de fé que a fé evangélica já teve.

Nas “Institutas” vemos o lugar de Calvino na Reforma Protestante. Ele pertence à segunda onda de reformadores. Lutero tinha virtualmente concluído a sua obra antes de Calvino começar. Lutero foi a “Estrela da Alva”; nas mãos de Deus, ele deu início ao movimento. Lutero é o grande herói dos protestantes; é caracterizado por sua originalidade, por sua audácia e pelo elemento dinâmico da sua vida. Lutero era um vulcão a expelir lavas de idéias em todas as direções, sem obedecer muito a um modelo ou a um sistema. No entanto, as idéias não podem viver e durar sem corpo, e a grande necessidade do movimento protestante nos últimos tempos de Lutero era um teólogo capaz de organizar e expressar a nova fé dentro de um sistema. Essa pessoa era Calvino. Pode-se dizer, pois, que ele salvou o protestantismo dando-lhe um corpo de teologia em suas “Institutas” e é delas que provêm a fé e a teologia da maioria das igrejas protestantes. Essa é a espinha dorsal dos Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra e da Confissão de Westminster, que rege a crença das igrejas presbiterianas da Escócia, dos Estados Unidos, e de todos os outros países. Nas “Institutas” estava baseada a fé dos puritanos, e a história da Suíça e da Holanda não pode ser explicada, exceto neste contexto.

Apenas uma palavra sobre a sua doutrina. O aspecto principal de Calvino é que ele baseia tudo na Bíblia. Não há nele uma mistura de filosofia aristotélica e as Escrituras com a primeira praticamente com o mesmo grau de importância da segunda, como na *Summa* de Tomás de Aquino. Para Calvino, a Bíblia é a única autoridade, e ele não deseja nenhuma filosofia, senão a que

emana das Escrituras. E nas “Institutas” que se obtêm teológica bíblica pela primeira vez, em vez de teologia dogmática. Calvino não arrazoa de modo indutivo, como os católicos romanos, mas, em vez disso, extrai conclusões e elabora de maneira dedutiva aquilo que é ensinado na Bíblia. A revelação não é acréscimo à razão, e não se pode raciocinar apropriadamente fora da revelação. Para ele, a grande verdade central e absolutamente importante era a soberania de Deus e a glória de Deus. Temos que começar aqui, e daqui tudo mais provém. Foi Deus que, por Sua livre vontade, e conforme a Sua sabedoria infinita, criou o mundo. Contudo, o pecado entrou em cena e, se não fosse a graça de Deus, não haveria esperança para o mundo. O homem é uma criatura decaída, e tem a sua mente em inimizade para com Deus. E totalmente incapaz de salvar-se e de unir-se de novo a Deus. Todos estariam perdidos se Deus não escolhesse alguns para a salvação, e isso incondicionalmente. E estes só podem ser salvos por meio da morte de Cristo, e eles não veriam ou não aceitariam a salvação se Deus, por Sua graça irresistível, no Espírito Santo, não lhes abrisse os olhos e não os persuadissem (sem os forçar) a aceitar a oferta. Mesmo depois disso, é Deus quem os sustenta e os livra de caírem. Portanto, a salvação deles é segura, porque depende, não deles e da capacidade deles, e sim da graça de Deus. A Igreja é uma comunidade dos eleitos. Portanto, ela é livre, e não há nenhum rei sobre ela, exceto o Senhor Jesus Cristo e, por isso, ela se arroga completa e perfeita liberdade espiritual.

Quanto ao mundo de fora da Igreja, ele seria destruído rapidamente pelo pecado, se Deus, pela graça comum, não o protegesse e não estabelecesse limites para os efeitos do pecado. O mundo continua sendo o mundo de Deus, e mesmo o pecado e satanás, em última análise, estão sob o controle de Deus. Antes da fundação do mundo, Deus tinha o Seu propósito infinito, e se pode ver esse propósito cumprir-se gradativamente, mas com segurança, através do Velho Testamento, e de modo especial na vida de Israel; vê-se, porém, principalmente em Jesus Cristo, no que Ele fez na terra e no que Ele continua fazendo através dos séculos. Nada pode impedir o Seu propósito, e na plenitude dos tempos os remos do mundo se tornarão propriedade de nosso Senhor Jesus Cristo; e Ele reinará para sempre. No ínterim, devemos ensinar aos homens que este mundo é o mundo de Deus, que todo dom que um homem possui é dom de Deus, que todos os homens são um só como pecadores diante de Deus, e que nenhum rei, nem qualquer outro homem, tem o direito de tiranizar os seus semelhantes. Temos que ter ordem, temos que ter disciplina. O homem tem direito à liberdade, porém não à livre licença. Essa é a essência do ensino de Calvino. Ele desenvolveu esse ensino minuciosamente, de molde a cobrir todos os aspectos da vida.

Durante o seu ministério em Genebra, ele persuadiu as autoridades a porem em ação essas idéias, e nunca houve uma cidade como aquela. Mark Pattison não exagera quando diz: “Ele foi o instrumento para a concentração naquele recanto estreito de uma força moral que salvou a Reforma e, na verdade, a Europa. É de se duvidar que toda a história possa fornecer outro

caso de tal vitória do poder moral”. Não é de admirar que, hoje, os homens que enxergam longe, num mundo com este, retornem ao homem de Genebra. Que é que, fora o evangelho que ele ensinava, poderia salvar o mundo? E o ensino é este: “O Senhor reina, tremam as nações” (Salmo 99:1). “O Senhor reina; regozije-se a terra” (Salmo 97:1). *Soli Deo Gloria*. *

* A reedição que James Clarke fez em 1949 da mais respeitável obra de Calvino traz a seguinte apresentação de capa, escrita pelo Dr. Lloyd-Jones:

O anúncio feito de que os senhores James Clarke & Co. estão para lançar uma nova edição da *Instituição da Religião Cristã* (as “Institutas”) de Calvino, é a melhor notícia que ouvi dentro de um bom período de tempo. Que eles consigam fazer isso pelo preço extraordinariamente baixo de trinta xelins, nestes dias, é espantoso.

Alguém pode perguntar por que uma obra como esta, publicada pela primeira vez há mais de quatrocentos anos, deveria ser impressa de novo, e por que alguém haveria de lê-la.

Sugiro as seguintes respostas, no mínimo:

As “Institutas” são em si mesmas um clássico teológico. Nenhuma obra teve maior influência, ou influência mais formativa na teologia protestante. Nem sempre se percebe, porém, que, em acréscimo ao seu pensamento sólido e sublime, foi escrita num estilo sumamente emocionante e, às vezes, comovente. Diferentemente de muita teologia moderna, que se diz proveniente dela, a obra de Calvino é profundamente devocional. Nenhum livro gratifica a leitura mais do que este, especialmente no caso dos pregadores da Palavra.

É particularmente próprio o aparecimento da nova edição agora. Durante os trinta anos passados, tem havido um novo interesse pela teologia reformada, e o nome de Calvino é citado mais freqüentemente do que o foi em mais de meio século. É nas “Institutas” que se vê a exposição formulada e sistemática da sua posição essencial. É imperativo, pois, que a gente leia as “Institutas” para entender muito da discussão teológica dos dias atuais.

A mais urgente razão pela qual todos nós devemos ler as “Institutas” deve achar-se, porém, nos tempos em que vivemos. Num mundo abalado em seus alicerces e carente de alguma autoridade final, não há nada que tanto se preste para fortalecer e estabilizar a alma da gente como esta magnífica exposição e elaboração da gloriosa doutrina da soberania de Deus. Esta foi a “ração de ferro da alma” dos mártires da Reforma, dos Pais Peregrinos, dos Pactuários e de muitos outros que tiveram que enfrentar perseguição e morte por Cristo.

Nunca foi mais necessária que hoje. Os senhores James Clarke & Co. fizeram de todos nós seus grandes devedores.

Fonte: *Discernindo os Tempos*, D. Martyn Lloyd-Jones, Editora PES, p. 42-47.